

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46198>

Artigo recebido em: 12/12/2022

Artigo aprovado em: 02/04/2023

Artigo publicado em: 26/06/2023

O DUALISMO METODOLÓGICO HEIDEGGERIANO
a fenomenologia-hermenêutica como desconstruir e ressignificar

THE HEIDEGGERIAN METHODOLOGICAL DUALISM
the phenomenology-hermeneutics how to deconstruct and resignify

Antonio Joel Lima da Silva¹

(antoniojoel167@gmail.com)

Paulo Samuel Silva Boaes²

(paulinhoboaesb@gmail.com)

136

Resumo: Este artigo busca demonstrar como a crítica de Heidegger à ontologia Antiga pode ser entendida a partir de dois aspectos metodológicos, quais sejam: desconstrução (*Dekonstruktion*) e ressignificação (*Umformulieren*). Nesse sentido, a crítica de Heidegger à tradição filosófica constitui-se como um passo de volta às fontes dos conceitos ontológicos tradicionais a fim de desconstruí-los e ressignificá-los, pois, para Heidegger, tais conceitos estão comprometidos pelo esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente e, dessa forma, representam um legado histórico deixado pela tradição ao *Dasein* que pensa o homem como uma compreensão racional e lógica de si; e isso desemboca em uma não compreensão da essência mundana do homem, descrita por Heidegger, em *Ser e tempo* como ser-no-mundo. Posto isso, o objetivo deste artigo é descrever como a fenomenologia-hermenêutica de Heidegger pode ser compreendida metodologicamente como um duplo processo que desconstrói e ressignifica o legado histórico deixado ao *Dasein* pela ontologia antiga.

Palavras-chaves: Heidegger. Ontologia Antiga. Dasein. Desconstruir. Ressignificar.

Abstract: This article seeks to demonstrate how Heidegger's critique of Ancient Ontology can be understood from two methodological aspects, namely: deconstruction (*Dekonstruktion*) and resignification (*Umformulieren*). In this sense, Heidegger's critique of the philosophical tradition constitutes a step back to the sources of traditional ontological concepts in order to deconstruct and resignify them, since, for Heidegger, such concepts are compromised by forgetting the ontological difference between being and entity and, in this way, represent a historical legacy left by tradition to *Dasein* that thinks of man as a rational and logical understanding of himself; and this leads to a failure to understand the worldly essence of man, described by Heidegger, in *Being and Time* as being-in-the-world. That said, the aim of this article is to describe how Heidegger's phenomenology-hermeneutics

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará. Professor do Ensino Básico.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6788764907512419>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9996-6312>.

² Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1214968137305925>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2892-4945>.



can be understood methodologically as a double process that deconstructs and reframes the historical legacy left to Dasein by ancient ontology.

Keywords: Heidegger. Ancient Ontology. Dasein. Deconstruct. Resignify.

INTRODUÇÃO

Este artigo possui como objetivo demonstrar como a abordagem empreendida por Heidegger à ontologia antiga poder ser entendida a partir de dois aspectos metodológicos, a saber: desconstruir (*Dekonstruieren*) e ressignificar (*Resigniere*). Com isso, entende-se que Heidegger ao confrontar os grandes pensadores da história da Filosofia, tem em vista esses dois aspectos, uma vez que o objetivo do autor de *Ser e tempo* é voltar às fontes dos conceitos que fundaram a compreensão (metafísica) identitária do homem e à sua maneira de compreensão e interpretação dos fenômenos, a fim de promover uma desconstrução desses conceitos; pois, para Heidegger, os conceitos metafísicos tradicionais representam, sobretudo, preconceitos que impossibilitaram o avanço da questão filosófica fundamental (a questão do sentido do ser em geral), a partir da omissão do ser (que Heidegger chama de esquecimento do ser).

137

Sendo assim, compreende-se que todas as investidas promovidas por Heidegger em seu diálogo com a tradição possuíam como objetivo a desconstrução e ressignificação da metafísica tradicional. Contudo, é necessário compreender que, Heidegger, ao dar um “passo de volta” à tradição Filosófica, não o faz para reafirmar ou “melhorar” os fundamentos metafísicos inaugurados na tradição, e nem arruinar as estruturas filosóficas dos pensadores antigos, ao contrário, Heidegger pretende pensar o impensado pelos filósofos e, como Benedito Nunes (2016, p. 83) diz: Heidegger reinterpreta-os não trilhando o mesmo caminho, mas, partindo do mesmo objeto, para desvelar aquilo que foi ocultado por eles, isto é, o ser.

Assim, a desconstrução hermenêutica empreendida por Heidegger à tradição, consiste na abertura de um horizonte hermenêutico que possibilite uma melhor compreensão/interpretação do homem enquanto *Dasein*, além de tornar a questão do ser uma questão originariamente existencial.

Nesse sentido, este artigo buscará esclarecer estes dois aspectos do método fenomenológico heideggeriano partindo do pressuposto de que, em todas as suas obras, Heidegger age a partir dos aspectos desconstrutivos e ressignificativos. Por isso, servirá como exemplo - para que se explicita o dualismo metodológico heideggeriano - as obras



Identidade e Diferença, A Constituição Onto-teológica da Metafísica e a obra máxima de Heidegger, *Ser e tempo*.

Em cada uma destas obras existem claras evidências da aplicação dualista do método fenomenológico-hermenêutico de Heidegger, pois, existem, nelas, vários conceitos ontológicos metafísicos que representam os preconceitos que Heidegger pretende desconstruir e ressignificar.

Em *Ser e tempo*, Heidegger promove claramente o duplo movimento de seu método ao recoloca a questão do ser a partir da desconstrução dos pressupostos de universalidade, indefinibilidade e evidência atribuídos ao ser na ontologia antiga. E na *Constituição Onto-teológica da Metafísica* ele mostra que toda a compreensão de mundo dentro da metafísica tradicional está erigida no esquecimento do ser.

Na obra *Identidade e Diferença*, por exemplo, podemos acompanhar como Heidegger aborda a questão do “princípio da identidade” que, até então, representava um princípio inquestionável e, como o próprio Heidegger diz: “[o] princípio vale como a suprema lei do pensamento” (HEIDEGGER, 1956, p. 377). Nesse sentido, Heidegger, ao ressignificar o “princípio da identidade” mostra que existem certos equívocos na fórmula do princípio e que, na verdade, o princípio soava mais como um princípio de igualdade ao invés de identidade.

Portanto, este é o caráter deste artigo: trazer exemplificações a partir das obras do próprio Heidegger que assegurem e confirmem o pressuposto, aqui, levantado, que diz que o método heideggeriano possui como principal característica o duplo movimento (desconstruir e ressignificar) que lhe permite não só voltar à tradição, mas, romper, hermeneuticamente, com seus preconceitos e lograr uma abertura compreensiva/interpretativa dos fenômenos e do que é o homem enquanto *Dasein*, a partir de uma abordagem existencial.

1 O PASSO DE VOLTA

No § 6 de ST³, Heidegger afirma que

[a] presença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdada da tradição. De certo modo e em certa medida, a presença se compreende a si mesma de imediato a partir da tradição. Essa compreensão lhe abre e regula as possibilidades de seu ser. Seu próprio passado,

³ Usaremos a sigla “ST” para fazer referência à obra máxima de Heidegger: *Ser e tempo*.



e isso diz sempre o passado da sua “geração” não segue mas precede a presença, antecipando-lhe os passos.⁴ (HEIDEGGER, 2005, p. 48)

Nessa perspectiva, entende-se que o *Dasein* é sempre uma manifestação da tradição, a partir do modo em que ele mesmo se compreende. Isto é, o *Dasein* herda dos acontecimentos passados uma interpretação de si mesmo que lhe regula as possibilidades de autocompreensão de si, e, assim, ele reproduz o seu passado que sempre e, cada vez mais, lhe antecipa os passos. Em outras palavras, essa interpretação de si, segundo Heidegger, diz que o ente *Dasein* “é o seu passado no seu modo de ser, o que significa, a grosso modo, que ela sempre “acontece” a partir do seu futuro” (HEIDEGGER, 2005, p. 48).

Essa interpretação acerca do modo de ser histórico e temporal do *Dasein* promovida por Heidegger, faz-nos pensar que, se o *Dasein* é o seu passado e compreende-se a partir do seu futuro, então, essa compreensão significa que ele é sempre uma interpretação histórica de si que a ele é dada como herança à tradição. Logo, entende-se que o legado que o *Dasein* herda da tradição - isto é, todo tipo de conhecimento filosófico/conceitual e a maneira ontológica de a si mesmo se compreender - está totalmente comprometido pelo esquecimento da questão do ser e, em outras palavras, pelo esquecimento da diferença entre ser e ente.

139

É nesse sentido, portanto, que, Heidegger, no § 6 de ST empreende, a partir de seu método hermenêutico-fenomenológico, um movimento de caráter crítico/historial que ele chama de “desconstrução da história da ontologia tradicional”, entendido, aqui neste trabalho, como o “passo de volta”.⁵ Desse modo, buscar-se-á demonstrar como o “passo de volta” - empreendido por Heidegger em sua crítica à tradição filosófica - é uma maneira de voltar às fontes geradoras dos conceitos ontológicos que legaram ao *Dasein* sua maneira identitária de compreende-se a si mesmo, que para Heidegger, precisa ser “desconstruída” e “ressignificada” para, a partir de então, abrir um mais seguro horizonte de interpretação do modo de ser autêntico do *Dasein*.

Sendo assim, a crítica de Heidegger à tradição filosófica pode ser compreendida a partir de dois aspectos: 1) possui o sentido de desconstrução⁶ (*Dekonstruktion*) dos conceitos

⁴ O termo “pre-sença” é adotado por Márcia de Sá Schuback como tradução do termo *Dasein* originalmente usado por Heidegger para significar o ser-aí. Contudo, neste trabalho usar-se-á apenas o termo *Dasein*.

⁵ Heidegger nomeia o processo realizado a partir do seu método como “passo de volta” à tradição filosófica na obra *A Constituição Onto-teológica da Metafísica*, quando o filósofo compara o seu diálogo com a tradição com o diálogo de Hegel com a tradição.

⁶ “A *Destruction* expressa uma análise crítico-semântica que procura distinguir entre os sentidos ocultos e os derivados. [...]significa tematizar as situações compreensivas originárias donde surgem os significados primários dos conceitos filosóficos.” (SANTOS, 2012, p. 143)



metafísicos tradicionais, que são caracterizados pelo esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente e, 2) busca ressignificar (*resigniere*) ou lançar luz àquilo que o pensamento metafísico não tematizou (isso significa que Heidegger critica os pensamentos filosóficos clássicos como, por exemplo, os de Aristóteles, Kant e Hegel. Porém, Heidegger critica-os para alicerçar seu próprio pensamento, ou seja, ele parte do objeto pensado pelos grandes pensadores tradicionais, para, a partir do mesmo objeto, pensar aquilo que não foi pensado, isto é, pensar o impensado pela tradição filosófica).

Desse modo, estes dois sentidos (desconstruir e ressignificar) da abordagem de Heidegger à história do pensamento filosófico são partes viscerais em seu movimento crítico/histórico, pois é através deste método de abordagem - e, mais precisamente através desses dois aspectos -, que Heidegger alicerça sua Ontologia Fundamental (segundo Kirchner (2019), trata-se do projeto exposto em ST, que visa a compreensão do ser em geral a partir da temporalidade e historicidade do *Dasein*, e, desse modo, seria uma ontologia que fundamenta toda e qualquer ontologia que averigüe o sentido do ser) e todo seu pensamento; sendo assim, o aspecto dualista do agir metodológico de Heidegger, estaria presente não só em ST, mas, sobretudo, em todas as suas obras que presentes em sua jornada pelo sentido do ser em geral.

140

A partir disso, entende-se que, em grande parte, os esforços apresentados em suas obras buscam desconstruir a herança metafísica⁷ imposta ao *Dasein* pela tradição e, depois, ressignificar o pensamento ontológico tradicional, haurindo conceitos que o próprio Heidegger nos apresenta em suas obras, a saber: temporalidade, historicidade, estrutura existencial e o conceito central de ST: *Dasein*. Todo esse movimento crítico possui, como objetivo, a tentativa de problematizar a relação ser/ente, e uma clara demonstração disso encontra-se na obra ST, onde o filósofo busca recolocar a questão, que para o ele, é a principal questão filosófica: a questão do sentido do ser em geral.

Nesse sentido - e, por tratar-se de uma abordagem que dialoga com a tradição e, sendo assim, é uma investigação direcionada à história do pensamento metafísico tradicional – Heidegger nomeia seu método crítico/histórico – na obra *A Constituição Onto-teológica da Metafísica* - chamando-o de o “passo de volta”, pois como a própria expressão sugere: é preciso dialogar com a história do pensamento, caracterizando, assim, um passo de volta às fontes dos

⁷ Segundo Heidegger, “[...] a presença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdada da tradição. De certo modo e em certa medida, a presença se compreende a si mesma de imediato a partir da tradição. Essa compreensão lhe abriu e regula as possibilidades de seu ser. Seu próprio passado, e isso diz sempre o passado de sua “geração”, não *segue*, mas precede a presença, antecipando-lhe os passos.” (HEIDEGGER, 2015, p. 48.)



objetos históricos que permitirão confrontar as origens da tradição, a partir de procedimentos hermenêutico-fenomenológicos.

Destes confrontos não surgem apenas sínteses do pensamento, ao contrário, não é esse o objetivo de Heidegger ao empreender o “passo de volta”, o que Heidegger pretende com isso é (como já mencionado) destruir para depois ressignificar. Certamente isso está claro. Contudo, um dos objetivos deste trabalho é elucidar tal característica que é intrínseca ao método fenomenológico de Heidegger. Como se pode observar, em ST, a maneira em que o filósofo confronta o termo corrente e tradicional de “História” e, como desconstrói sua compreensão historiográfica, para ressignificá-la hermeneuticamente:

A determinação de historicidade se oferece antes daquilo a que se chama de história (acontecimento pertencente à história universal). Historicidade indica a constituição de ser do “acontecer”, próprio da presença como tal. É com base na historicidade que a “história universal”, e tudo que pertence historicamente à história do mundo, torna-se possível. (HEIDEGGER, 2015, p. 57)

141 Nessa referida passagem de ST, Heidegger demonstra que, mesmo conceitos tradicionalmente indubitáveis como, por exemplo, o conceito de “História”, podem ser desconstruídos se expostos ao método fenomenológico. Isso acontece pelo fato de que, Heidegger busca na analítica existencial do *Dasein* a compreensão de tudo que emerge como condição pré-teórica de seu ser, isto é, os modos mais próprios do ser do *Dasein*. Ou seja: da essência do *Dasein* surgem as possibilidades históricas que implica a origem mesma da historiografia que Heidegger chama de historicidade (*Historizität*):

Essa historicidade elementar da presença pode permanecer escondida para ela mesma, mas pode também ser descoberta e tornar-se objeto de um cultivo especial. A presença pode descobrir a tradição, conservá-la e investigá-la explicitamente. Pode-se até considerar uma tarefa autônoma descobrir a tradição e explicar o que a tradição “lega” e como ela o faz. Nesse caso, a presença se assume no modo de ser do questionamento e da pesquisa dos fatos historiográficos. A história fatural (*Historie*) ou, mais precisamente, a faturalidade historiográfica (*Historizität*) só é possível como modo de ser da presença que questiona porque, no fundamento de seu ser, a presença se determina e constitui pela historicidade. Se a historicidade fica escondida para a presença e enquanto ela assim permanecer, também se lhe nega a possibilidade de questionar e descobrir faturalmente a história. A fatura de história fatural (*Historie*) não é uma prova *contra* a historicidade da presença, mas uma prova a seu favor, enquanto modo deficiente dessa constituição de ser. Uma época só pode ser destituída de fatos históricos por ser “histórica”. (HEIDEGGER, 2015, p. 58)



Nessa perspectiva, pode-se dizer que, o modo de ser do Dasein é histórico e, graças a isso, qualquer possibilidade de investigação historiográfica só é concebível por ter como base a historicidade do modo de ser do ente homem.

Existe, ainda, como parte da demonstração do “passo de volta” heideggeriano, outro “confronto” interessante que também serve como arquétipo demonstrativo, no qual o filósofo de ST se mostra em pleno exercício de seu método fenomenológico a fim de esclarecê-lo na obra *A constituição Onto-teológica da Metafísica*.

Na referida obra, Heidegger faz uma comparação entre sua abordagem à história da metafísica com a abordagem de Hegel à história do pensamento. Nessa comparação, entre métodos, Heidegger afirma que há uma diferença crucial entre o seu e o de Hegel, e o que distingue ambos, é o fato de que no método de Heidegger “o caráter do diálogo com a história do pensamento não é mais o sobressumir (*Aufhebung*), mas o passo de volta.” (HEIDEGGER, 1973, p. 390).

142 Com isso, Heidegger deixa claro que o diálogo de Hegel com a história do pensamento tem o caráter de *sobressumir* (*Aufhebung*) e o seu, apesar de voltar à história do pensamento, não tem interesse em reafirmar o que já havia sido pensado pela tradição, e muito menos renová-lo como quem pretende, assim como os demais pensadores, elevar o pensamento “já pensado”. Ao contrário disso, o que Heidegger apresenta em seu modo de pensar é diferenciado e original, pois seu método hermenêutico/fenomenológico possibilita-o voltar-se à história do pensamento ocidental e, através de seu método hermenêutico-fenomenológico, confrontar à tradição e pensar o impensado.

Nessa perspectiva, Heidegger em seu método busca firmar um vínculo desconstrutivo/hermenêutico com a tradição em vista de, a partir do já pensado, empreender suas buscas. Mas existe uma questão que necessita de esclarecimento para melhor compreensão dos métodos de Heidegger e Hegel, ou seja, se o objeto é o mesmo tanto para Heidegger como para Hegel, o que distingue seus métodos, afinal? E, acerca disso, Heidegger diz:

Para nós a medida para diálogo com a tradição historial é a mesmo, enquanto se trata de penetrar na força do pensamento antigo. Mas nós não procuramos a força no que foi pensado, mas em algo impensado, do qual o que foi pensado recebe seu espaço essencial. Mas somente o já pensado prepara o ainda impensado que sempre de modos novos se manifesta em sua superabundância. (HEIDEGGER, 1973, p. 390)

Com isso, evidencia-se que, para Heidegger, a volta, de Hegel, à história do pensamento possui um caráter especulativo-historial e age a partir de um processo

Antonio Joel Lima da Silva;

Paulo Samuel Silva Boaes



triádico que tira (*tollere*), eleva (*elevare*) e conserva (*conservare*). Desse modo, segundo Heidegger, Hegel pensa o pensado pela tradição e, apesar de seu objeto ser a “ideia absoluta” ou “o pensamento que se pensa”, o filósofo, de certa forma, ainda encontra-se em fidelidade à tradição através do caráter de seu diálogo (ou de seu método), expresso por Heidegger como *sobressumir*, enquanto que, Heidegger, em seu “passo de volta” (*zurücktreten*) busca o mesmo objeto, isto é, o pensamento histórico, porém, e, a partir dele, busca pensar o impensado, ou seja: aquilo que à tradição foi impedido de problematizar, por conta do esquecimento ontológico da diferença entre ser e ente⁸.

O mesmo, porém, não significa reproduzir o pensamento histórico, ou manter-se na força do pensamento antigo, isso seria o igual. Mas o mesmo, significa diversidade. Diversidade no sentido de manifestação que parte da investigação do mesmo objeto, entretanto, com uma abordagem diferente.

Posto isso, deve-se, agora, exemplificar o que seria o “já pensado” (pensamento tradicional metafísico) e, por conseguinte, o “impensado” - entendido aqui, como nova linguagem ontológica empregada por Heidegger através da abordagem hermenêutica/fenomenológica à história do pensamento.

143

Desse modo, como eixo temático que perpassa este trabalho, será enfatizado, para estabelecer a relação pensado/impensado, e com isso, evidenciar o método heideggeriano da fenomenologia do “passo de volta”, o princípio da identidade e a categoria da diferença, propostos por Heidegger no texto *Identidade e Diferença*. Assim, o “pensado”: o princípio corrente de Identidade (como se deu na tradição filosófica) e o impensado, como o mesmo (*Comum-pertencer*) nos direcionarão neste debate acerca do passo de volta heideggeriano.

2 O PRINCÍPIO DE IDENTIDADE

Como visto antes, Heidegger estabelece um diálogo com a tradição filosófica para promover a desconstrução dos paradigmas por ela postos e reproduzidos pelos pensadores ulteriores. E, com isso, ressignificar equívocos conceituais provocados pelo esquecimento da

⁸ A diferença ontológica será abordada aqui, como parte integral da diferenciação dos métodos de Heidegger e Hegel, pois tal fato é apontado pelo próprio Heidegger ao afirmar que Hegel ainda se encontrava no âmbito da tradição, não podendo, dessa forma, problematizar a diferença entre ser e ente. (HEIDEGGER, 2015, pp. 28-29)



diferença ontológica entre ser e ente que aqui, é tratado como chave-mestra para a compreensão do método fenomenológico do filósofo de ST.

Desse modo, Heidegger, durante a execução de seu método, ressignifica vários paradigmas filosóficos tradicionais, tidos, até então, como certos e inquestionáveis. Nesse sentido, um exemplo claro dessa abordagem fenomenológica empreendida por Heidegger ao pensamento tradicional está situado no texto *Identidade e Diferença* onde são abordados pelo filósofo alguns temas do pensamento metafísico tradicional, no qual, dentre estes, debateremos apenas dois: o princípio da identidade e a diferença ontológica.

Ademais, Heidegger ocupa-se em experimentar a significação do princípio da identidade corrente: “O princípio da identidade soa, conforme uma fórmula corrente: $A=A$. O princípio vale como a suprema lei do pensamento. Sobre este princípio procuramos meditar por uns instantes. Pois queremos experimentar, através do princípio, que é identidade.” (HEIDEGGER, 1956, p. 377)

Este primeiro passo de Heidegger na investigação dos conceitos da tradição, evidencia aquilo que, aqui, foi mencionado sobre seu método. Ele dá o “passo de volta” à tradição, não para firmar-se na força do “já pensado”, isto é, daquilo que é tomado como verdade e é pregado pela metafísica tradicional (nesse caso, o próprio princípio da identidade representa um conceito de “verdade” pensado pela tradição, isto é, o “já pensado”), mas, ao contrário disso, a partir do “já pensado”, pensar o impensado⁹. Nesse sentido, o princípio da identidade aqui exposto, é, inicialmente, o objeto de Heidegger, pois somente deste ponto de partida (retornando ao pensamento antigo), pode-se empreender uma ressignificação do pensamento posto e trazer à tona, aquilo que não foi pensado pela tradição.

Com isso, Heidegger segue em sua investigação fenomenológica para experimentar, a partir da fórmula corrente do princípio da identidade, o que é identidade e, com isso, pôr à prova o pensamento tradicional. Vejamos o que Heidegger infere sobre tal lei do pensamento:

Que diz a fórmula $A = A$, em que ordinariamente se apresenta o princípio da identidade? A fórmula designa a igualdade de A e A. De uma equação fazem parte ao menos dois elementos. Um A se assemelha a um outro. Quer o princípio da identidade expressar tal coisa? Manifestamente não. O idêntico, em latim *idem*, designa-se em grego *tò autó*. Traduzindo em nossa língua, *tò autó* significa o mesmo. Se alguém repete sem cessar o mesmo, por exemplo, a planta é planta, exprime-se numa tautologia. Para que algo possa ser o

⁹ A expressão “impensado” representa o duplo movimento hermenêutico-fenomenológico discutido anteriormente, que possui como características a “desconstrução” e a “ressignificação”, que dão vigência a novos conceitos que são pensados a partir das “verdades” metafísicas.



mesmo, basta cada vez um. Não é preciso dois como na igualdade. (HEIDEGGER, 1956, p. 377)

Heidegger em seu movimento hermenêutico-fenomenológico de desconstrução põe à prova o significado do princípio da identidade tradicional, compreendendo que, na verdade, tal princípio não exprime, de fato, o que se propõe a fazer. O que o princípio exprime, então, é uma igualdade, não o idêntico. Heidegger chega a esse pressuposto questionando o que diz a fórmula: “ $A = A$ ”, que nas entre linhas, exprime-se em uma tautologia, em que, “ $A = A$ ” é o mesmo que “ A e A ” designando, assim, termos iguais, porém, nunca idênticos.

O que se deve observar acerca disso, é que, para Heidegger, a fórmula corrente encobre justamente aquilo que ela deveria dizer: “A fórmula $A = A$ fala de uma igualdade. Ela não nomeia A como o mesmo. A fórmula corrente para o princípio da identidade encobre, por conseguinte, justamente o que o princípio queria dizer: A é A . quer dizer, cada A é ele mesmo o mesmo.” (HEIDEGGER, 1956, p. 377).

O mesmo, então, é pensado por Heidegger da seguinte maneira: se “ $A = A$ ” expressa uma igualdade, a fórmula relaciona dois termos distintos, não idênticos. E, por isso, sua expressão mais adequada seria “ A e A ”. Contudo, longe ficaria, se assim se mantivesse, tal fórmula de um real significado de identidade. Nesse caso, o que representaria o mesmo? E como, ou de que forma haveria de se expressar, para poder, com mais exatidão, aproximar-se de uma real significação do idêntico? Segundo Heidegger, a fórmula mais adequada para se pensar a identidade seria “ A é A ”.

Nessa perspectiva, portanto, a fórmula corrigida: “ A é A ” salvaria o princípio da identidade de uma expressão tautológica em que, apenas se está relacionando termos distintos, porém, iguais, ou seja, uma igualdade, e imprimiria à fórmula uma expressão do mesmo, isto é, a fórmula corrigida: “ A é A ” refere-se a uma de identidade, na qual, sempre é preciso cada vez mais o mesmo:

A fórmula mais adequada para o princípio da identidade A é A não diz apenas: cada A é ele mesmo o mesmo; ela diz antes: consigo mesmo é cada A ele mesmo o mesmo. Em cada identidade reside a relação “com”, portanto, uma mediação, uma ligação, uma síntese: a união na unidade. (HEIDEGGER, 1956, p. 377)

A relação do mesmo para consigo mesmo, designada pela preposição “com”, presente na reformulada fórmula do princípio da identidade “ A é A ”, ressalta-nos uma importante categoria do método de Heidegger: a diferença ontológica. Como



problematizar, então, a diferença no princípio da identidade? Talvez, uma maneira possível seja a compreensão da diferença proposta por Heidegger entre as seguintes fórmulas: “ $A = A$ ” (pensada pela tradição) e “ $A \text{ é } A$ ” (pensada por Heidegger).

A primeira, quer significar o idêntico utilizando-se de dois termos distintos relacionando-os como se fossem um só. Um só? Isso diz uma unidade, e mesmo aqui, a diferença é esquecida, pois, está claro que “ $A \text{ e } A$ ” são distintos, porém, iguais, então não podem ser o mesmo ainda que sejam iguais. Nesse caso, há a intenção de expressar o mesmo, mas sem a noção da diferença entre “ $A = A$ ” e “ $A \text{ é } A$ ”, portanto, esse é um claro exemplo de como a tradição não problematiza suas questões a partir da diferença ontológica. A segunda, pensa o mesmo a partir da relação “com” e, é notável que, “ A ” sendo ele mesmo o mesmo para consigo mesmo, sua identidade não é uma unidade¹⁰, mas uma relação de correspondência caracterizada pelo “com”.

Mas como identificar a diferença na fórmula corrigida de “ $A \text{ é } A$ ”? Claramente Heidegger está desvelando, a partir de seu método fenomenológico, o que seria a identidade pensada do ponto de vista desconstrutivo de sua Filosofia, e o que é proposto, neste trabalho, é perpassar a diferença ontológica como categoria hermenêutica importante em todo modo de pensar heideggeriano – assim como o duplo movimento de seu método -, uma vez que mesmo a recolocação da questão do sentido do ser em geral, e a compreensão da abertura histórica/temporal que possibilita a retomada da referida questão, são, em suma, embasados pela categoria hermenêutica da diferença, ou seja, pensar a diferença ontológica é compreender não só a abordagem metodológica heideggeriana, mas é, antes de mais nada, estar inserido no exercício de pensamento formulado pelo próprio Heidegger.

Posto isso, o que segue é uma tentativa de explicitar esta importante categoria do pensamento de Heidegger: a diferença ontológica.

3 A DIFERENÇA ONTOLÓGICA COMO CATEGORIA HERMENÊUTICA

A diferença ontológica (como visto anteriormente) é uma categoria hermenêutica de suma importância na Filosofia de Heidegger. E, como categoria hermenêutica, ou modo

¹⁰ Heidegger afirma em *Identidade e Diferença* que a identidade, por tratar-se de uma relação que é entendida pela preposição “com”, é uma correspondência entre ser e pensar, caracterizando, assim, um dinamismo, movimento ou, como o próprio Heidegger diz: “ser e pensar atingem juntos a sua essência”. Pois homem e ser fazem parte, juntos, da identidade. (HEIDEGGER, 1973, p. 384)



fenomenológico investigativo, perpassa o pensamento de Heidegger em sua totalidade, uma vez que pensar a diferença ontológica é, essencialmente, empreender o “passo de volta” à tradição, e lançar luz àquilo que o esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente impediu de ser pensado.

Desse modo, é válido indicar algumas de suas obras, principalmente ST, para dispor de uma significativa compreensão de como essa temática é abordada em seu pensamento. Portanto, a característica distintiva do tratamento heideggeriano à história consiste em pensar ser e ente, não como subsequentes/fundantes¹¹ um do outro, ou, como na tradição, o ser como o conceito mais universal e vazio e, por isso, é impassível de definição.

Isso nos permite inferir que, Heidegger ao pensar a diferença ontológica, acaba por instaurar um método único de investigação, que lhe permite, não apenas, a partir do “passo e volta”, criticar à ontologia antiga, mas repensar/ressignificar a linguagem ontológica. E como Ernildo Stein afirma em seu livro *Seis Estudos Sobre Ser e tempo* (1990): “o que se gestava nos anos 20, era uma virada paradigmática na Filosofia, a inauguração de um novo paradigma.” (STEIN, 1990, p. 09).

147

Essa afirmação de Stein - acerca do caráter revolucionário do pensamento de Heidegger em sua obra máxima ST – demonstra-nos a importância da obra heideggeriana para a Filosofia, e isso porque mostra-nos como o pensamento de Heidegger inaugura uma nova perspectiva filosófica acerca da relação homem/mundo, e, além disso, põe em questão os fundamentos e pensamentos tradicionais metafísicos. E é, também, em ST que Heidegger promove sua Ontologia Fundamental, na qual tem como uma de suas principais ferramentas hermenêuticas a analítica existencial do *Dasein* que consiste na compreensão do ser, a partir de sua estrutura ser-no-mundo.

Dessa forma, então, questionar o ser no horizonte do tempo é admitir que o mesmo é um ser histórico (*historisch*) e, como tal, só pode ser compreendido temporalmente. Esse fato, evidencia-nos o “passo de volta” heideggeriano que acompanha o filósofo em todas suas investigações em caráter crítico; pondo em marcha, com isso, seu método hermenêutico-fenomenológico que acaba por estabelecer maneiras autênticas de investigação aos fenômenos da Filosofia, a partir da Ontologia Fundamental.

¹¹ No *Princípio da Identidade* Heidegger (1973) põe em debate a relação entre ser e pensar (homem), no qual, o filósofo embasa seus argumentos acerca da relação ser/ente pensando-os como uma relação mútua de *Comum-pertencer*, em que, ser e ente atingem juntos sua essência, configurando, assim, ambos, como traços da identidade, contrariando o que pensa a tradição, a saber, a identidade como traço do ser, e por conseguinte, remetendo ser e ente como (ser) fundante e (ente) fundado.



E como mencionado anteriormente, entre tais maneiras investigativas, ou modo histórico/crítico, destaca-se a hermenêutica da diferença ontológica, que figura como categoria hermenêutica-investigativa de toda obra de Heidegger, seja em ST ou em todos os seus escritos, ensaios e conferências.

Nesse sentido, entende-se que, quando Heidegger volta, em ST, à ontologia tradicional para recolocar a questão do ser e empreender a analítica existencial do *Dasein*, ou mesmo nas *Conferências e Escritos Filosóficos* (1973) ou nos *Ensaio e Conferências* (1954), onde sua busca é pela verdade do ser a partir da desconstrução dos conceitos pensados a partir do esquecimento do ser, ele o faz de acordo com a máxima fenomenológica da “volta às coisas elas mesmas” e, isso implica, significativamente, voltar ao objeto mesmo do pensamento tradicional ou à fonte do pensamento que deu origem aos conceitos filosóficos tradicionais, para com isso, imprimir uma nova linguagem “ontológica” a partir da desconstrução das “verdades” metafísicas.

Desse modo, Heidegger, em ST, a partir da Ontologia Fundamental, busca recolocar a questão do ser em geral, que desde a tradição metafísica caiu em esquecimento. O esquecimento, na verdade, é a trivialização da questão do ser que, segundo Heidegger, era outrora a grande questão filosófica que dava combustível às grandes investigações de Platão e Aristóteles, por exemplo, e que agora se encontra em esquecimento:

A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como questão temática de uma real investigação. O que ambos conquistaram manteve-se, em muitas distorções e “recauchutagens”, até à Lógica de Hegel. E o que outrora, num supremo esforço do pensamento, se arrancou os fenômenos, encontra-se, de há muito, trivializado. (HEIDEGGER, 2005, p. 27.)

Heidegger afirma que na ontologia antiga, o “ser” foi entendido como aquilo que há de mais vazio e universal, atribuindo, assim, uma postura ao ser, de aquilo que não é passível de definições. Na tradição, os questionamentos pelo ser passam a ser constituídos pela tentativa de explicita-lo. Contudo, segundo Heidegger, de Platão a Hegel, não aconteceram mudanças consideráveis acerca da questão do ser. O que acontece, então, é a tentativa de positiva-lo e explica-lo a partir do ente:

[...] o ‘ser’ não pode ser concebido como ente; [...] o ‘ser’ não pode ser determinado, acrescentando-lhe um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores

Antonio Joel Lima da Silva;

Paulo Samuel Silva Boaes



nem explicá-lo através de conceitos inferiores. Mas será que com isso se pode concluir que o “ser” não oferece nenhum problema? De forma alguma. Daí pode-se apenas concluir que o ‘ser’ não é ente. (HEIDEGGER, 2005, p. 29.)

A evidência clara do esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente, para Heidegger, consiste, historicamente, no fato de que a metafísica tradicional “entiliza” o ser, buscando-o como se fosse um ente, isto é, o esquecimento da natureza do ser que se mostra num duplo movimento de velamento e desvelamento, fez com que os grandes sistemas metafísicos buscassem explicar o ser como um ente e, dessa forma, a partir do insucesso das tentativas em demonstrá-lo, caiu em esquecimento.

Mas como, porém, compreender a entificação do ser empreendida pela metafísica tradicional? Para Heidegger, a tradição ao perguntar pelo que “é” o ser, converte-o em um ente, entretanto, converter ser em ente não significa dar concretude ao ser, mas significa o ato de perguntar pelo que alguma coisa é, requer, como resposta, que o perguntado esteja manifesto, dado e/ou posto diante de quem pergunta.

149 Nesse caso, a pergunta ontológica tradicional buscava, na verdade, uma positivação do ser. Queria a tradição, ao perguntar pelo que é o ser, buscar a diferença entre ser e ente? Ou queria ela uma manifestação clara do ser como tal? Isso fica § 1 de ST, quando Heidegger, para justificar a recolocação da questão do ser, diz que o que se tem de resultado acerca do que seria o ser, dentro da tradição, é apenas uma mediana compreensão do que é o ser, pois apenas se abre o caminho para o pensamento problematizar, filosoficamente, a questão do ser e que serve, da mesma forma, como indicativo para a recolocação formal da pergunta pelo ser.

Portanto, o que a diferença ontológica entre ser e ente nos proporciona, ao se problematizá-la, é o entendimento de como Heidegger promove a “desconstrução” dos conceitos da tradição metafísica. No entanto, para que se entenda o porquê é necessário, para Heidegger, que o legado histórico da tradição seja “desconstruído”, é preciso compreender o duplo movimento que, aqui, é expressado como “dualismo metodológico”, ou seja: “desconstruir” e “ressignificar”.

Dessa forma, deve-se atentar para o fato de que, segundo Heidegger, o ser-aí do homem sempre se significa a partir da herança da tradição, e isso implica o esquecimento do ser que é a herança ontológica legada ao *Dasein* pela ontologia tradicional que precisa ser “desconstruída”. Entretanto, “destruir” não pode significar pôr em ruína, mas abrir uma possibilidade de ressignificação histórica para que se logre, enfim, uma retomada autêntica da questão fundamental em que, qualquer esforço dentro do âmbito



filosófico se direciona, qual seja, a questão do ser em geral que, segundo Heidegger, só pode ser compreendida no horizonte do tempo.

Nesse sentido, apresentaremos alguns pontos importantes para a compreensão de como Heidegger realiza o seu método, isto é, demonstrar-se-á como o dualismo metodológico heideggeriano está presente, de forma efetiva, em alguns pontos importantes da principal obra de Heidegger, a saber: *Ser e tempo* (onde se discutirá a desobstrução da questão do sentido do ser em geral).

4 O DUALISMO METODOLÓGICO EM SER E TEMPO

Em linhas gerais, tentaremos demonstrar alguns aspectos da relação entre ser e ente discutida por Heidegger em sua obra ST (claro que serão postas em debate apenas partes ou trechos considerados importantes para a exemplificação e esclarecimento do tema aqui proposto). Isso possui o objetivo de mostrar, brevemente, como todos os esforços hermenêuticos de Heidegger giram em torno da relação entre ser e ente, e estão embasados pelo dualismo metodológico que aqui está sendo debatido.

150

O primeiro aspecto considerado, aqui, como importante e que retrata a discussão heideggeriana que envolve a relação entre ser e ente, encontra-se na obra *Ser e tempo* – mais precisamente nos § 1 -, onde Heidegger busca desobstruir o caminho hermenêutico que dá acesso à questão do ser em geral.

Nesse caso, é pertinente analisar as palavras de Seibt:

Metafísica é um modo de compreender o mundo a partir do modo de ser dos objetos disponíveis e enquadrados numa lógica linear e que permite controle e previsibilidade de tudo. Por isso Heidegger pretende e considera necessário retomar o sentido do ser, o que implica na desconstrução da metafísica, para acessar o que ela oculta. O ser é o que escapa, se recusa, se esconde, que foi esquecido, mas que mesmo assim é fundamental por ser a condição prévia para que as realidades ou entes sejam o que são. Como na metafísica atentamos somente para os objetos e esquecemos a abertura ou horizonte que os torna possíveis, há que exercitar um retorno para além dos entes, na direção do seu solo prévio, pré-teórico, que é a compreensão do ser. (SEIBT, 2017, pp. 339-350)

Esta proposição de Seibt (2017) situa-nos dentro do âmbito teórico percorrido até aqui, uma vez que, neste trabalho, estar-se discutindo os dois aspectos do método heideggeriano em sua volta às origens ontológicas. Dessa forma, tem-se, então, nas

Antonio Joel Lima da Silva;

Paulo Samuel Silva Boaes



palavras de Seibt o direcionamento exato do porquê, para Heidegger, é necessário desconstruir o legado da metafísica. Já que, segundo Seibt, a metafísica é um modo de compreender o mundo a partir dos objetos disponíveis a nós, logo, ela é determinante para a compreensão do ser dos entes (fenômenos), e não somente isso, a metafísica como um conhecimento embasado na relação homem/mundo é, conseqüentemente, a área do conhecimento que ocultou o acesso ao ser dos objetos.

E, é nesse sentido que, segundo Seibt, Heidegger entende como necessário, em ST, retornar a questão do sentido do ser em geral, pois, ele pretende desobstruir o acesso ao ser. E, nessa perspectiva, a crítica apresentada em ST à ontologia antiga consiste na desconstrução da metafísica tradicional para que se logre um caminho de abertura à condição pré-teórica e essencial dos fenômenos. Posto isso, fica claro que todo movimento crítico/histórico que Heidegger empreende em seus diálogos com a tradição possui como característica os dois aspectos aqui mencionados, a saber, desconstruir e ressignificar.

Por isso, o dualismo metodológico heideggeriano fica ainda mais evidente quando Heidegger diz que se deve tomar a ontologia antiga apenas como parâmetro investigativo, isto é, a ontologia antiga serve apenas como lugar de onde se deve haurir os conceitos que deram origem a compreensão metafísica de mundo, e, a partir disso, desconstruí-los e ressignificá-los com o objetivo de responder a questão sobre o ser em geral, conforme segue:

No início desta investigação não se pode discutir em detalhes os preconceitos que, sempre de novo, plantam e alimentam a dispensa de um questionamento do ser. Eles encontram suas raízes na própria ontologia antiga. Esta, por sua vez, pode apenas ser interpretada – quanto ao fundamento de onde brotam os conceitos e quanto à adequação das justificativas propostas para as categorias e sua completude – esclarecendo-se e respondendo a questão do ser. (HEIDEGGER, 2005, p. 28)

Nesse caso, a desconstrução da metafísica consiste em voltar à origem dos pressupostos que Heidegger chama de preconceitos que levaram ao esquecimento da questão do ser. Isso significa, essencialmente, liberar o caminho que dá acesso ao sentido do ser, e liberar o caminho significa, estritamente, desconstruir os pressupostos que a metafísica tradicional impôs ao ser.

Os preconceitos que Heidegger considera aqueles que fizeram da questão do ser infrutífera são os que atribuíam ao ser características de universalidade, indefinibilidade e de evidencia, conforme expressa Jaderson Silva:

A formulação adequada do que Heidegger entende como a questão central da filosofia possui uma peculiaridade própria, que



distingue o questionamento ontológico de Heidegger de toda a tradição que o antecede. De modo a justificar a necessidade de uma reformulação da questão, bem como a desobstruir o acesso ao que Heidegger entende como a maneira adequada de pôr novamente a questão pelo ser, o §1 de ST parte de um exame crítico preliminar de três pressupostos tradicionais que estariam na base da omissão histórica de uma tematização adequada da questão ontológica, a saber: 1) 'ser' é o conceito 'mais universal e vazio'; 2) 'o ser é indefinível'; 3) "o ser é um conceito evidente por si mesmo". (SILVA, 2013, p. 18)

De acordo com Jaderson Silva, Heidegger considera esses três pressupostos como os principais responsáveis pela omissão da questão do ser, que foi, conseqüentemente, esquecida. Assim, a desconstrução promovida por Heidegger à história da ontologia perpassa, intrinsecamente, por esses três pressupostos. Desse modo, o que nos resta é demonstrar como o dualismo metodológico heideggeriano desobstrui a questão do ser a partir da desconstrução destes pressupostos, ressignificando-os¹² e desobstruindo o acesso à problemática do ser.

No §1 de ST, Heidegger afirma que no decorrer da história da ontologia tradicional o ser - que outrora era o principal motivador de todas as pesquisas empreendida pelos grandes filósofos - passa de uma questão fundamental para uma temática emudecedora, já que a dificuldade de se chegar à respostas satisfatórias sobre o que é o ser impediu que se avança-se em seu desenvolvimento, e isso fez com que a questão se tornasse obsoleta.

152

Nessa perspectiva, compreende-se que o ser foi omitido pelos preconceitos que lhe impossibilitaram de evoluir enquanto questão-problema e questão fundamentadora das principais investigações filosóficas e, em outras palavras, essa que era a questão mais importante tomou um rumo superficial e foi inaugurado, sobre ela, uma metafísica objetivante que pôs a relação homem/mundo em um campo de superficialidades, que Heidegger chama de âmbito existenciário ou pré-ontológico.

Sendo assim, entende-se, a partir de ST, que a questão do ser foi esquecida e, por isso, não encetou um caminho originalmente existencial, caminho esse que Heidegger promove em sua Ontologia Fundamental. Nesse sentido, é pertinente analisar como Heidegger vê o ser dentro da ontologia antiga:

O conceito do ser é indefinível. Essa é a conclusão tirada de sua máxima universalidade. E com razão se definitivo fit per genus proximum et differentiam specificam. De fato, o 'ser' não pode ser concebido como um ente; enti non additur aliqua natura: o ser não pode ser determinado

¹² A ressignificação dos preconceitos da tradição não significa assumi-los a partir de uma outra perspectiva, ao contrário, significa destruí-los e, a partir da mesma fonte ontológica, repensá-los, porém, agora a partir de um horizonte hermenêutico que possibilite o avanço do pensamento, que deve seguir livre dos grilhões tradicionais.



acrescentando-lhe um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos nem explicitá-lo através de conceitos inferiores. (HEIDEGGER, 2005, p. 29)

Nesta proposição de Heidegger, existe uma clara evidência de como o esquecimento do ser se deu na ontologia antiga, pois, para o filósofo as tentativas de explicá-lo acabaram obscurecendo-o a partir das sentenças atribuídas a ele. Assim, definitivamente, o ser tornou-se o conceito mais evidente e universal por si só, e isso impossibilitou o seu esclarecimento. Ademais, para Heidegger, essa tentativa de explicá-lo, na verdade, provocou uma reação contrária, pois, o conceito de ser passou a ser vinculado ao ente, mas não como traços de uma identidade – como Heidegger pensa em sua obra *Identidade e Diferença* –, e sim como um conceito vazio e infrutífero entendido como um âmbito propedêutico ao estudo do ente.

Posto isso, está claro que a metafísica tradicional encobriu o ser, a partir de pressupostos e/ou preconceitos que não levaram em consideração sua dupla faceta, isto é, o seu duplo movimento de dar-se e encobrir-se. E, isso provocou uma confusa busca por explicações sobre o ser que, em sua maioria, acabavam por acrescentar ao ser, um ente, caracterizando, então, uma objetivação do ser a partir do ente, ou o detrimento do ser em vista do ente.

153

Nesse momento, está justificado a dupla ação do método fenomenológico heideggeriano, pois, se faz necessário destruir este legado deixado ao *Dasein* pela tradição para então tornar o caminho à questão do ser claro e original. Dessa maneira, elucidar-se-á alguns pontos que demonstra como Heidegger destruiu e ressignificou o legado metafísico deixado ao *Dasein*:

- a) Heidegger demonstra que a dificuldade de se problematizar sobre o ser não está no próprio ser, mas, sim, em não compreender sua natureza dualista, ou o duplo movimento que consiste em revelar-se velando-se;
- b) A falta de compreensão sobre a natureza do ser é claramente um indício de que é preciso desobstruir o acesso à questão do ser, e, ao mesmo tempo, comprova que a responsabilidade da omissão do ser é inteiramente da ontologia antiga, pois os pressupostos de universalidade, indefinibilidade e de auto evidência mostram que não se tentou ou sequer se entendeu que, a partir da natureza do ser, seria impossível exemplificá-lo ou demonstrá-lo como se fosse um ente.
- c) Por fim, a ressignificação promovida por Heidegger à questão do ser é caracterizada como a recolocação da questão do ser, que, na *Ontologia Fundamental*, deixa de buscar o ser por meio da objetivação e teorização, e passa a compreendê-lo a partir do próprio ente que coloca a questão do ser em debate, isto é, a questão do ser deixa de pertencer ao rol de epistemologias criadas pelo homem, e passa a encetar o caminho existencial que significa compreender o ser a partir dos modos de ser do *Dasein*.

E como afirma Marco Aurélio Fernandes é onde o ser ganha sentido e morada,



Nós, os humanos somos tomados, aqui nesta análise, como *Dasein*. Este somos nós mesmos, enquanto somos o *aí*, o lugar, a abertura, a clareira (o *Da*) do ser (*Sein*). Nós somos aqueles que vivem na proximidade do ser, para quem o ser se clareia como o lar, a terra natal, a pátria. Somos, isto quer dizer, ao modo de um dom, um privilégio, um apanágio que não escolhemos, mas que nos escolheu, que nos é constitutivo, ontologicamente. Somos, isto quer dizer, ao mesmo tempo, ao modo de uma tarefa, de uma vocação e convocação, dito em uma palavra, a modo do *ter-que-ser* (*zu sein*) de nossa responsabilidade. (FERNANDES, 2006, p. 217)

Dasein, portanto, não representa apenas o ente que se compreende ontologicamente, e, a partir disso, interpreta a si e aos outros entes que a ele veem ao encontra através do mundo, mas, representa, também, a morada do ser, onde o ser habita e onde ele poder ser o que é. Estas afirmações dão-nos algumas respostas, pois, dizer que somos o que somos enquanto *Dasein* é, também, dizer que a compreensão do ser, em nós, ganhou um outro enquadramento, ou melhor, foi redirecionada por Heidegger a nós. E, aquilo que era uma questão temática superficial e vazia, agora representa uma busca pelas estruturas existenciais mais próprias do homem.

154

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características do método heideggeriano, aqui, apresentadas, levaram em consideração a necessidade do empreendimento feito por Heidegger em suas obras, ou seja, entende-se que Heidegger sempre busca suas fontes fenomenológicas-hermenêuticas olhando para os acontecimentos históricos que promoveram o esquecimento do ser, porém, não apenas isso; a tradição metafísica ao ocultar o ser, desencadeou uma série de equívocos que impossibilitaram que o homem logre-se um caminho de compreensão e interpretação autêntico em sua busca por respostas.

Consequentemente, pode-se dizer que o que a tradição filosófica – baseada no esquecimento do ser – ocultou, foram as possibilidades de uma real interpretação do mundo e dos fenômenos que nele nos veem ao encontro. E, isso justifica por completo a investidura de Heidegger ao confrontar os grandes sistemas de pensamento, pois, a partir disso, faz-se necessário o retorno à tradição para que se desconstrua os caminhos obstruídos pela metafísica tradicional e ressignifique-os à luz de seu método hermenêutico-fenomenológico.

Dessa forma, o dualismo metodológico apresentado neste trabalho pode ser considerado válido para a compreensão da maneira que Heidegger aborda à

Antonio Joel Lima da Silva;

Paulo Samuel Silva Boaes



ontologia antiga, pois, destruir significa libertar e ressignificar pode significar mostrar um novo caminho que considere aquilo que não foi problematizado pelos grandes filósofos. Nesse caso, existe uma total dependência do método fenomenológico-hermenêutico elaborado por Heidegger a esses dois aspectos, uma vez que, para Heidegger, a Fenomenologia deve ser aquele método que explicita as coisas como elas são e como elas se mostram e, desse modo, o “passo de volta” que Heidegger empreende é, em outras palavras, o movimento fenomenológico que, enquanto ação investigativa, retorna àquilo que os fenômenos são, e esse retorno é a volta às coisas elas mesmas, que representa a máxima que rege a fenomenologia.

Portanto, a volta às coisas mesmas que a Fenomenologia promove é aquilo que possibilita a desconstrução heideggeriana dos próprios preconceitos atribuídos ao ser, e, a ressignificação representa a ação hermenêutica que é efetuada por Heidegger ao repensar e reinterpretar os objetos dos grandes filósofos. Tudo isso corresponde, indubitavelmente, ao dualismo metodológico defendido e debatido neste presente artigo.



REFERÊNCIAS

- CARNEIRO LEÃO, E. HEIDEGGER, A FENOMENOLOGIA E O PODER. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 3, n. 6, p. 11–16, 2015. DOI: 10.26512/pl.v3i6.11647.
- KIRCHNER, Renato. *Da ontologia fundamental à pergunta pela essência do ser-aí humano*. Curitiba/PR 2019, p. 279, 2019.
- FERNANDES, M. A. (2006). tempo e temporalidade na analítica existencial de Martin Heidegger. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, vol. 12, n. 1, p. 213-228. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735503022>.
- FERNANDES, M. A. O PENSAMENTO NOS “CADERNOS PRETOS” DE HEIDEGGER: reflexões a respeito de uma leitura. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 3, n. 6, p. 31–57, 2015. DOI: 10.26512/pl.v3i6.11649.
- HEIDEGGER, M; SARTRE, Jean-Paul; HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Nova Cultural, 1973.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* [1927]. Trad. bras. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- NUNES, Benedito. *Heidegger/Benedito Nunes*; organização e apresentação Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- SANTOS, Bento Silva. A Destrukction heideggeriana da ontologia medieval em Die Grundprobleme der Phänomenologie (§§ 10-12). *TRANS/FORMAÇÃO*, v. 35, 2012.
- SEIBT, Cezar Luís. HEIDEGGER: DA FENOMENOLOGIA" REFLEXIVA" À FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 19, n. 31, p. 79-98, 2015.
- SILVA, Jaderson Oliveira da et al. *HEIDEGGER E KANT: O PROJETO ONTOLÓGICO DE SER E TEMPO E A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA CRÍTICA DA RAZÃO PURA*. 2013.
- STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "Ser e tempo": comemoração dos sessenta anos de Ser e tempo de Heidegger*. Vozes, 1990.

